

O ressurgimento da Viola Campaniça passa obrigatoriamente pelo espaço territorial de Castro Verde. Até ao final da década de 50, a Viola Campaniça era a rainha dos bailes da região campaniça ou das serranias do sul do Baixo Alentejo. Na memória das gentes mais velhas perduram noites de dança e cantorias animadas por brilhantes tocadores, como o Francisco António, natural da Aldeia Nova, que mais tarde se fixou na Estação de Ourique. Mas o habitat da Campaniça não se limitava ao espaço do baile. Muitas eram as tabernas onde marcava presença e acompanhava o cante, com destaque para os cantares ao desafio, o Cante ao Despique e, mais tarde, o Cante ao Baldão, marcando a toada dos improvisos horas a fio.

Em feiras e romarias era presença obrigatória. A Feira de Castro terá sido uma das catedrais desses encontros de cantadores e tocadores. Nomes como Zéfinha de Portel ou o Castro da Cuba estão intimamente ligados a esses momentos.

A Feira de Castro, pelas suas características, era um espaço privilegiado. Com o passar dos anos a Viola Campaniça foi perdendo importância. No início dos anos 80 era dada praticamente como extinta, restando alguns exemplares do instrumento. As últimas gravações de tocadores tinham sido efetuadas por Ernesto Veiga de Oliveira e Michel Giacometti.

Hoje sabemos que os homens da serra souberam guardar o toque e os cantares ao desafio, que preservaram e continuaram a praticar esta manifestação ancestral em encontros perfumados de medronho, longe do olhar e do ouvido de entendidos em matéria de musicologia. (...)

Entretanto, importante foi o trabalho de José Alberto Sardinha, a investigação e a recolha que realizou, e posteriormente, a edição do trabalho *Viola Campaniça: o outro Alentejo*, em 1986, que retirou do esquecimento os últimos tocadores, contribuindo para o renascer do interesse pela Viola Campaniça e afirmando que ainda havia homens que dominavam esta tradição musical. Mas a verdade é que após esta recolha as violas pareciam voltar a ganhar pó em cima dos armários. Decisiva foi a entrada em cena da Cortiçol – Cooperativa de Informação e Cultura de Castro Verde e a entrega de José Francisco Colaço Guerreiro que, no final da década de oitenta, trouxe de volta os cantadores e tocadores da Aldeia Nova, povoação que ficou submersa pela criação da Barragem da Rocha, e que na altura já se encontravam a morar na Funcheira (Manuel Bento e Perpétua Maria) e na Estação de Ourique (Francisco António).

O surgimento deste trio, a riqueza, a beleza e a autenticidade das suas interpretações, apanhou todos de surpresa. Uma pérola resgatada ao esquecimento que iria marcar para sempre a sonoridade da Viola Campaniça e das suas modas.

Seguiram-se muitas atuações por todo o país, pisando salas como a Gulbenkian ou o Teatro Carlos Alberto, e algumas idas ao estrangeiro. A Campaniça ganhava novo ânimo, encantava e começava a piscar o olho às novas gerações. (...) Mas o tempo encarregou-se de roubar Perpétua Maria e o trio encerrou uma fase inesquecível da Viola Campaniça. Contudo, a dinâmica não cessa e o programa *Património*, da Rádio Castrense, afirma-se como um canal privilegiado de divulgação das formas de expressão musical desta região. (...)

A Cortiçol, com o apoio das entidades locais, continuava a potenciar a afirmação deste traço cultural e definiu uma metodologia que permitiu que a Feira de Castro voltasse a ser palco de encontro de tocadores e cantadores. Embora de maneira diferente do que

acontecia antigamente, exigência dos novos tempos, na última grande feira do sul serrenhos e campaniços voltaram a sentar-se à mesa para cantar ao desafio. (...) A viola nunca mais se silenciou. Após o término do trio composto por Manuel Bento, Francisco António e Perpétua Maria, na apresentação de modas em público outras formações surgem, com outros tocadores e outras cantadeiras, foi o caso de Amílcar Silva (também construtor), Alice Felisberto e Assunção Silva, da Corte Malhão (concelho de Odemira), à qual se haveria de juntar também Manuel Bento e Francisco António, bem como as cantadeiras Mariana Maria e Inácia Maria da Estação de Ourique, e mais tarde o jovem Pedro Mestre.

(...) Pedro Mestre foi aquele que mais se destacou e é atualmente uma das peças fundamentais na atividade da Viola Campaniça. Aprendeu com os mestres da Aldeia Nova, herdou a técnica e a essência necessárias que lhe permitiram realizar um percurso de afirmação. Para além do toque, iniciou-se na aprendizagem da construção da viola com Amílcar Silva e criou a Associação de Cante “Os Cardadores”, da Sete, no seio da qual, apoiado pela Câmara Municipal de Castro Verde, iniciou um conjunto de iniciativas culturais e experiências em torno da construção. Criou o Grupo de Violas Campaniças, composto por ele próprio e por Márcio Isidro, para além das vozes Lucinda Mestre, Evangelina Torres e Celina da Piedade. Este grupo gravou em 2006 o CD *Ilha dos Vidros*. Os últimos tempos são marcados por um vasto conjunto de iniciativas à volta da Viola Campaniça. Cada vez mais é presença nos programas culturais.

Iniciam-se projetos que transportam a Viola para dentro do universo da escola. O Projeto Educativo “Viola Campaniça”, que permite a construção e o toque da Viola Campaniça na Escola Secundária de Castro Verde, tem por base uma parceria protocolada entre o Agrupamento de Escolas de Castro Verde, a Cortiçol, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia de Castro Verde. A coordenação está a cargo do Professor José Abreu e do monitor David Pereira, a que se junta a colaboração do professor Arlindo Costa. Este projeto representa um forte contributo para o novo fôlego que a Viola Campaniça tem atualmente. O grupo de alunos tem surpreendido nas apresentações que tem realizado, sobretudo os que conheceram a realidade deste instrumento de tradição, dado como extinto por musicólogos em décadas passadas. Esta mudança deve muito ao concelho de Castro Verde, associações, entidades locais e, sobretudo, pessoas que guardaram a mestria do toque e o partilharam com novas gerações.

A Campaniça assume-se hoje como embaixadora da identidade do concelho. Exemplo disso é a participação na rede cultural internacional do Festival Sete Sóis Sete Luas, onde dialoga com outros instrumentos e culturas do Mediterrâneo. Por outro lado, sob a batuta da Viola Campaniça Produções, num espírito de partilha, a Campaniça tem procurado conhecer as outras violas de arame e Castro Verde tem sido palco do toque e da reflexão em torno da tradição violeira. Destes encontros resultou a edição, em 2007, do CD “Encontro de Violas”, uma comunhão entre a Viola Campaniça e a Viola Caipira (Brasil).